

São Paulo, 02 de agosto de 2024.

## **O ocidente do coisa ruim**

[O ocidente está acabado? Viveremos uma nova era na política internacional?](#)

Parece que estamos presos em um espiral, fadados a ver os eventos da vida política mundial se repetirem por gerações — tomemos como exemplo o Brasil.

De um lado temos liberais materialistas que insistem que o Brasil precisa se desenvolver, precisa modernizar seus mercados para atender o exterior e se projetar como potência comercial.

Do outro lado, socialistas que alegadamente prezam pelo social, prezam pelo desenvolvimento humano e vão usar o poder do Estado para ajudar as populações mais pobres.

O socialista posa como um São Francisco de Assis da política, tudo o que ele quer é ajudar o povo, o poder não o apetece, só a justiça social aplaca as dores do seu coração.

O liberal se opõe ao Santo, por saber que sua vida beatífica é inviável e a lógica de produção tende a se sobrepor ao romantismo.

Por termos esses dois grupos disputando o poder, temos uma falsa impressão de normalidade, e talvez essa realmente seja a norma da política brasileira — mas costume, hábito e consenso não conferem civilidade.

Tanto a discussão pública como os quadros que concorrem nos cargos eletivos estão presos nessa dicotomia de social vs econômico, desenvolvimento humano vs desenvolvimento do mercado, aumento do Estado vs diminuição do papel do Estado. O Estado por natureza deveria ter uma função muito bem definida, sem aumentar ou diminuir com o passar do tempo.

Aliás, quando falamos de Estado hoje em dia, englobamos toda uma burocracia que incorpora todo o funcionalismo público e governo, mas o Estado é a forma do sistema político que limita o governo e garante uma zona de neutralidade no conflito político entre amigos e inimigos. O Estado deveria garantir o devido processo legal, limite na expansão da burocracia e coisas semelhantes.

Se pararmos para pensar friamente o Brasil mal tem Estado, tem um excesso de burocracia, mas esses dispositivos de neutralidade que garantem a civilidade e a isonomia são ausentes.

Essa percepção de que o Estado é uma estrutura burocrática que está em constante latência e expansão é recente, remonta ao conceito de "Estado de direito" onde o Estado é o sistema jurídico, e a garantia está na lei e não nos homens que ocupam e governam as instituições. Isso acabou por criar a burocracia

legalista que usa da lei para usurpar o direito.

Além de um conceito equivocado de Estado, convivemos com uma matematização e financeirização da economia.

A economia sempre foi a distribuição dos bens de consumo, hoje a economia é praticamente uma ferramenta científica para a especulação financeira.

Aprendemos equivocadamente também a respeito do Estado laico, o laicismo é uma neutralidade do Estado quanto a religião, não a sua privação.

Não existe Estado ateu, porque até o presente momento não foi criado um modelo de Estado para uma civilização ou nação completamente atea — aliás, em um país completamente ateu nem haveria necessidade de laicismo.

Quero dizer que desde o tratado de Versalhes, onde a elite econômica dos EUA e da Inglaterra assessorou Wilson na criação da liga das nações — o mundo está vivendo um

novo conceito de civilização. Esse novo conceito de civilização parasita as criações da civilização cristã europeia, distorcendo seus conceitos e nega ao cristianismo o mérito de ver uma dignidade especial no ser humano.

Os direitos humanos, liberdade sexual, burocracias legalistas e ideologias revolucionárias, são criações relativamente recentes, embora, nosso cidadão médio imagine que é impossível pensar sem ideologia ou que sem os direitos humanos e a ONU as pessoas se matam por motivos banais.

A civilização cristã europeia não era apenas herdeira do direito romano e da filosofia grega, mas cristianizou tais elementos, incorporou e avançou da sua forma com essas criações do espírito humano.

No dia onze de julho, Giorgio Agamben escreveu um ensaio chamado "Requiem per l'Occidente" — uma referência à missa fúnebre do catolicismo romano, insinuando que a

civilização ocidental está moribunda e será enterrada.

A tese de Agamben é que o ocidente e a igreja deixarão de existir, e não terão um velório decente — propõe então uma missa pelo descanso de suas almas.

Quanto a igreja não é preciso comentar que ela jamais deixará de existir e o porque, Deus é o provedor da igreja na pessoa de Cristo, a obra do Senhor está completa e só espera o tempo oportuno para ser cumprida na história dos homens.

Quando ao "fim do ocidente", nisso eu preciso concordar.

O tal ocidente é uma criação liberal, a Europa cristã jamais tentou dar uma unidade conceitual como essa, arrisco dizer que essa é uma unidade política que tentaram emplacar durante a guerra fria.

Esse ocidente legalista, burocrático, financista e blasfemo está desmoronando, isso realmente vai acabar.

Que os liberais carreguem velas e chorem pela morte de sua criação, para nós cristãos



isso é Deus abatendo a  
soberba dos homens — só  
mais um dia no esconderijo do  
Altíssimo.